

Assombrados com as quatro mortes repentinas e de causas desconhecidas, cerca de 2,5 mil moradores de São Sebastião cobram do governo informações precisas e medidas urgentes para proteger a comunidade

Fotos: Kleber Lima



ORGANIZADA POR ALUNOS E PROFESSORES DA ESCOLA ONDE ESTUDAVA UMA DAS VÍTMAS, A MANIFESTAÇÃO PEDIU SANEAMENTO BÁSICO E A PARTICIPAÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO NA INVESTIGAÇÕES DA CAUSA DA DOENÇA MISTERIOSA

A cidade protesta

MARIA FERRI

DA EQUIPE DO CORREIO

Mais de dois mil moradores, alunos e professores de São Sebastião, assustados com as mortes inexplicáveis de quatro moradores da cidade, fizeram ontem uma caminhada para cobrar uma resposta do governo. Querem saber as causas e como podem se prevenir da doença. Além de faixas e cartazes, muitos exibiam máscaras durante protesto. Não apenas como sinal de indignação, mas também por medo de serem contaminados pela doença, até agora indeterminada. Os manifestantes cobraram ainda saneamento básico e o acompanhamento do Ministério Público nas investigações para se des-

cobrir a causa das mortes.

A caminhada foi organizada por grêmios estudantis e conselhos escolares. Começou às 8h30 no Centro Educacional do Bosque (CEF-Bosque), onde estudava Denifer Quintanilha Utiwma, 17 anos, aluna da 8ª série que morreu no sábado depois de apresentar fortes dores no corpo. Colegas de classe e professores lamentavam a morte de Denifer, mãe de uma menina de 1 ano e 11 meses. "Na quarta-feira, três dias antes de morrer, ela veio com a filha assistir aula. Eu olho para a carteira dela e parece que ainda a vejo. Quase nem acredito no que aconteceu", contou a professora de Artes Antônio Vivacqua. Na sala de aula, os alunos estão colocando um livro no lugar onde Denifer se sentava.

Pelos cálculos da Polícia Militar, perto de 2,5 mil pessoas participaram da caminhada. Os manifestantes seguiram cerca de três quilômetros até a administração regional da cidade, onde entregaram uma carta com as reivindicações. No documento, pediram informações precisas sobre as causas das mortes misteriosas, saneamento e a ajuda do Ministério Público.

À tarde, uma comissão formada por dez pessoas, entre professores e alunos das escolas da cidade, esteve na Procuradoria-Geral do Distrito Federal. Na semana que vem, os organizadores prometem novas mobilizações caso os pedidos não sejam atendidos. "Até a próxima semana é um bom prazo para eles (o governo) se organizarem e traze-

rem uma explicação. Até agora, só recebemos informações desencontradas", afirma o professor de Atividades da Fundação Educacional Rogério Ulisses Teles de Melo, 29, um dos organizadores da manifestação. "Pretendemos ir ao Buriti e até no Ministério da Saúde, se precisar. Não temos dúvida que a doença é causada pela falta de saneamento básico. Ou é lixo, água ou solo", acrescenta. A Secretaria de Saúde restringiu o universo de possibilidades a três doenças: hantavirose, dengue e leptospirose. (Mais informações na página 27).

Máscaras e medo

Professores do CEF-Bosque participaram da mobilização usando máscaras. Os acessórios não

foram apenas um meio de chamar a atenção das autoridades, segundo eles. Temem serem contaminados pela doença. "O secretário disse que pode ser contraída pela poeira. Como não sabemos como é transmitida ao certo, prefiro não arriscar", admite Maria do Carmo Pereira, 30 anos, professora de Matemática. "Só vejo pessoas morrendo. Trabalho doze horas por dia na cidade e estou com medo. E não é pouco, não", confessa Noeme Pires Rocha, 40 anos, que dá aulas no ensino especial.

Vilma Nunes da Silva, 39, professora de História, usa máscara até para trabalhar. "Quando entro em São Sebastião, eu a coloco. E acho que não é só a população da cidade que corre risco. Se for transmitido pela poeira, o vento

pode levar o vírus para o Lago Sul, por exemplo", supõe. Não houve aula no período da manhã. A aula foi ao ar livre e de cidadania, argumentaram os professores. À tarde, o CEF-Bosque funcionou normalmente.

Carolina Aparecida Santos de Oliveira, 15 anos, aluna da 8ª série, também foi de máscara para o protesto. "Uma colega nossa morreu. Nós temos que lutar pelo direito de saber o que está acontecendo, senão eles (o governo) continuarão a ficar calados", reclama a jovem. Ela foi acompanhada pelo vice-presidente do grêmio estudantil da escola onde Denifer Quintanilha estudava. Fábio Barbosa, 23, estava fantasiado de morte. "Vim assim para cobrar vida e não morte", disse.